

# **SOBRE CONHECIMENTO GERAL E ESPECÍFICO: DESTAQUES SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS PARA UMA EPISTEMOLOGIA DA ENFERMAGEM<sup>a, b</sup>**

General and Specific Knowledge:  
Substantive and Adjective Detachs to an Epistemology of Nursing

Sobre el Conocimiento General y Específico:  
Destaques Substantivos y Adjetivos para una Epistemología de la Enfermería

Vilma de Carvalho

## **Resumo**

Temática: Trata de trabalho sobre o conhecimento *geral e específico* no interesse da Enfermagem - ensino e prática da arte de cuidar, com implicações para aspectos destacados de investigar a realidade e buscar respostas relativas à construção científica. Objetivo: Clarear definições pertinentes ao saber, ao conhecimento em si e à investigação na enfermagem. Metodologia discursiva com abordagem filosófica no que concerne a proposições e argumentos quanto aos aspectos teóricos e práticos que abrangem o saber, a consciência (subjetividade) e a realidade (objeto estudado), no plano do pensamento e do conhecimento científico. Na análise dos aspectos destacados, alguns conceitos epistemológicos servem para conferir questões do saber profissional e da ciência enquanto correlacionadas à prática do ensino e da assistência na enfermagem. A problemática do conhecimento geral e específico condiz não só com dificuldades conceituais e de domínio do conhecimento em si, mas também com a experiência de formar a consciência crítica e a competência profissional frente aos desafios da prática total da enfermagem - ensino, pesquisa e extensão/assistência, com repercussões para a formação do perfil profissional na área da enfermagem.

**Palavras-chave:** : Enfermagem. Epistemologia. Prática Profissional. Educação em Enfermagem.

## **Abstract**

This paper focuses on the general and specific knowledge concerning Nursing - teaching and practice in the art of caring, with implications to the relevant aspects of reality investigation and the search for answer to scientific construction. Objective: To clarify the definitions concerned to Nursing: theory, knowledge itself and research. Methodology discursive with philosophical approach to propositions and arguments on theoretical and practical aspects of human knowledge, the consciousness (subjectivity) and reality (object of study), considering the thought and the scientific knowledge. In the analysis of those aspects, some epistemological concepts allow the discussion of questions on professional knowledge and science, related to the practice of teaching and assistance in nursing. The problem of the specific and general knowledge is related not only to the conceptual difficulties and the acquisition of knowledge itself, but also to the experience of acquiring the professional abilities and a critical consciousness facing the challenges of the complete practice of nursing – teaching, research and assistance, with consequences to the creation of a professional profile in the Nursing area.

**Keywords:** Nursing. Knowledge. Practice Professional. Education, Nursing.

## **Resumen**

En este trabajo, se trata del conocimiento general y específico para la enfermería - enseñanza y práctica del arte de cuidar, con implicaciones para los aspectos importantes de la investigación de la realidad y la búsqueda de respuestas pertinentes a la construcción científica. Objetivo: Esclarecer las definiciones relacionadas al saber, al conocimiento en si y a la investigación de la enfermería. Metodología basada en el abordaje filosófico y discursivo en lo concerniente a las proposiciones y argumentos relacionados con los aspectos teóricos y prácticos que abarcan el saber, la conciencia (subjetividad) y de la realidad (objeto estudiado), en el plano del pensamiento y conocimiento científico. En el análisis de los aspectos mas destacados, algunos conceptos epistemológicos sirven para conferir problemas del saber profesional y de la ciencia en su relación con la práctica de la enseñanza y de la asistencia en enfermería. La problemática del conocimiento general y específico se relaciona con dificultades conceptuales del propio conocimiento en si mismo, pero también con la experiencia de la formación de la conciencia crítica y del perfil profesional frente a los retos de la práctica total de la enfermería – enseñanza, investigación y asistencia extensiva a las repercusiones para la formación del perfil profesional en el área de la enfermería.

**Palabras clave:** Enfermería. Conocimiento. Práctica Profesional. Educación en Enfermería.

## DO CONHECIMENTO EM SI

Há várias definições para o conhecimento, mas nenhuma é suficientemente exaustiva. A mais direta designa que **conhecimento é uma função da vida, ou um ato psíquico tendo por efeito - o mais alto problema do espírito humano - tornar um objeto presente aos sentidos ou à inteligência.** Em geral, o **conhecimento equivale a uma técnica de verificação de um objeto qualquer.** Também se entende *conhecimento como domínio (posse) de uma técnica específica num dado campo do saber.* Ou, ainda, o *conhecimento corresponde à disponibilidade de meios e recursos - lógicos e metodológicos - utilizados na constatação do que se supõe como verdade*<sup>(1)</sup>. Por **técnica de verificação**, aqui em particular, entende-se qualquer procedimento que torne possível a descrição, o cálculo ou a previsão controlável de um objeto. E por **objeto** entende-se qualquer dado, fato, coisa, realidade ou propriedade, passível de ser submetido a tal procedimento.

Bem mais difícil é resumir o se entende com o sentido de *verdade*. Ainda assim, para efeito de como o conhecimento é tratado neste texto, vale considerar que *verdade é a probabilidade de adequação do intelecto ao real, - uma espécie de correspondência aceitável, ou justificável, entre juízos tangíveis aos modos de encarar o real como dado na experiência prática e no conhecer -, ou simplesmente como fato de que na percepção encontramos objetos que existem fora de nós, e que possuem um ser real [em si]*<sup>(2)</sup>. Não que se trate, aqui, de descartar outras formas de aceitar / encarar a verdade em plano de real no conhecimento, ou no plano de uma pesquisa de caráter mais objetivo. Porém, não faço da questão da *verdade* um simples posicionamento de *dogma de fé religiosa*. O meu posicionamento, aqui, é de caráter intelectual e filosófico.

O *conhecimento*, portanto, entendido como *técnica de verificação*, depende não apenas do uso normal de órgãos dos sentidos, mas também, da operação de uso adequado aos instrumentos complicados de cálculo e de métodos - meios/ instrumentos que permitem as verificações controláveis e, de toda forma, de critérios às vezes complicados de alcançar o que se pretende como *verdade*. Porém, no plano do conhecimento, - “em geral” ou “em específico” - nenhuma técnica é absoluta. Daí outras distinções do que se deva entender por **conhecimento**.

ALGUMAS DEFINIÇÕES -  
DESTAQUES SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

Desde os primórdios da cultura ocidental, o *conhecimento é a meta do conhecer como procura de respostas para os problemas da natureza, do mundo e da vida.* Corresponde ao **saber**, não a um saber qualquer, mas ao *saber douto - ciência [episteme] - ou como se designava, à época, à filosofia [sabedoria], uma espécie de conhecimento fundamentado em princípios, causas, razões.* Um *saber* que se desenvolve como processo intelectual de identificar e de *conhecer* as coisas da natureza, da realidade circundante e do mundo por suas causas. Pode-se dizer que *conhecer é um gênero processual cujas*

*espécies abrangem atos de perceber, compreender, constatar, conceber, e de dominar experiências e de utilizar resultados alcançados entendidos como causas*<sup>(3)</sup>. Mas, na ciência em geral, o conhecimento (ato) é próprio do conhecer (processo) que corresponde, pode-se dizer, a uma apropriação intelectual de determinado campo empírico ou ideal de dados, tendo em vista dominá-los ou utilizá-los.

No plano da teoria, *conhecimento é um fenômeno pelo qual encontram-se frente a frente a consciência e o objeto - (o sujeito e o objeto) - numa relação em que permanecem eternamente separados*<sup>(2)</sup>. Assim, o dualismo *sujeito e objeto* é próprio da essência (ou natureza) do conhecimento. Porém, nesse dualismo, é o objeto que tem predominância sobre o sujeito - *o objeto é o determinante e o sujeito é o determinado.* Esta é uma razão para mais uma definição: **o conhecimento é a determinação do sujeito pelo objeto**<sup>(2)</sup>. Contudo, o que fica determinado não é o sujeito pura e simplesmente; mas “é a imagem do objeto - **produto do conhecimento** - que fica determinada no sujeito”. A imagem é objetiva, portanto, de vez que leva em si os traços do objeto. Situando-se de certa forma entre o sujeito e o objeto, *a imagem constitui-se em instrumento do conhecimento, pelo qual a consciência apreende o que é transferido de seu objeto*<sup>(2)</sup>.

De modo literal, e com significado bem simples, o conhecimento diz respeito à procura de respostas ou de busca de causas para o saber de uma coisa ou de tudo que se entende no plano da sabedoria, a qual, no contexto primordial da cultura helênica, comportava o conhecimento científico e o saber prático da arte. Por isso, talvez, o sentido genérico e o costume de usar-se a palavra *saber* como sinônimo de conhecimento e de ciência. Entretanto, no mundo grego, o saber (ciência) apresentava-se também, como mistura conceitual de virtude e prudência na ação<sup>(4,5)</sup>. Isto nos posiciona diante do fato de que tanto o saber quanto o conhecimento implicavam uma ética. E essa idéia alcança a idade moderna: *Por sabedoria, entende-se não apenas a prudência, mas um perfeito conhecimento de tudo o que os homens podem saber para a conduta e até para a conservação da saúde*<sup>(6)</sup>. Assim, pode-se dizer que, em plano de filosofia, o saber mais elevado corresponde à sabedoria como *ciência universal*, pois nenhum campo lhe é vedado e uma vez que se utiliza de todos os métodos para alcançar o conhecimento - como um empreendimento intelectual de busca de causas, e como o domínio ou posse de um saber que não se contenta com os pressupostos das ciências positivas, as quais se diversificam por seus objetos de estudo.

## UMA DISTINÇÃO DE PERTINÊNCIA CRÍTICA

Todavia, é justo mencionar que, na época contemporânea, o saber [filosófico] não pára onde pára o conhecimento científico como busca de causas, pois procura respostas tanto para o conhecimento em si mesmo, quanto para as questões-limites que desafiam o homem em nossos dias. Essas questões comportam problemas radicais a exemplo do sentido da vida e da presença do homem no planeta terra; ou bem como a questão complexa da metafísica / transcendental de um Deus criador

de todas as coisas. A ciência se preocupa com a objetividade dos dados, dos fenômenos ou dos fatos da realidade. A sabedoria (filosofia) vai às raízes mais profundas das coisas que conformam os interesses do homem; indaga e prescrua (inquirição especulativa) sobre o que se deve entender por **fim e utilidade**<sup>(7)</sup>.

Daí que a sinonímia entre *saber* e *conhecimento científico* não se sustenta em nossos dias, e desde que se atente para o sentido mais puro dos elementos significativos ou das coisas que as duas palavras englobam. Razão porque a epistemologia contemporânea reconhece as distinções características de conceitos que inrtermediam o âmbito do saber humano - conhecimento comum e mais o que seja entendido como opinião válida, experiência empírica, prática da arte, e ciência<sup>(7)</sup>.

Não obstante, vale dizer que, mesmo se entendidas as duas palavras - saber e ciência - como *busca de causas*, as relações entre a consciência e as propriedades das coisas são bem distintas em essência. Não porque os objetos de uma e da outra sejam diferentes, mas porque a ciência está voltada para o conhecimento dos objetos dados em uma realidade concreta, e o saber ou a sabedoria (filosófica) é mais aderente ao que se passa na consciência do sujeito. Na distinção, valem as intenções de conhecimento, ou seja, *as intenções de conhecimento são diferentes quanto às relações entre o pensamento do sujeito e o objeto pensado*<sup>(8)</sup>. De um lado, no caso das ciências, *uma relação construtiva* (intencionalidade técnico-científica), pela qual o pensamento produz tanto quanto possível *o conhecimento objetivado* e, de outro lado, no caso do saber filosófico, *uma atividade reflexiva* (intencionalidade crítico-filosófica) mediante a qual o pensamento sempre regressa ao sujeito pensante, e como pode-se dizer, nos termos de uma *subjetividade objetivada*<sup>(3)</sup>.

Em plano de sociologia do conhecimento, os conhecimentos particularizados e contribuintes de distintas formas de *saberes* não são considerados construções autônomas e individuais, mas como produtos de atividades inseridas em determinado contexto sócio-cultural. *O conhecimento científico é um bem social e sempre tributário de um pano de fundo ideológico ou filosófico. Também é tributário da religião, da economia, da política, e de outros fatores extra-científicos*<sup>(7)</sup>.

Desde que assim entendido, o conhecimento científico é específico das ciências que procuram fundamentação teórica e empírica para seus objetos, principalmente se buscando *justificar* seus pressupostos e hipóteses, e quando procurando soluções *científicas* possíveis para seus problemas e enigmas. Já o conhecimento aliado ao saber filosófico, quando encontra uma pretensa solução, em realidade, encontra-se às voltas com outras questões e mais outras perguntas levantadas pela necessidade contínua de mais respostas.

Não que as duas formas de intenção de conhecimento tenham que estudar objetos distintos, mas a intencionalidade do pensamento filosófico é de abrangência *totalizante*, englobando como que a totalidade dos objetos, incluído o conhecimento científico. Enquanto que a intencionalidade do pensamento, no plano de qualquer ciência reconhecida, é *técnica* e especificamente *objetiva*, ou como se endereçada a

objetos delimitados, de acordo com parâmetros adotados nas buscas investigativas de interesses específicos e do tipo de conhecimento científico mais aprofundado, ou especializado.

Por isso mesmo, em plano técnico-científico, a consciência (do sujeito) volta-se *intencionalmente* para a realidade concreta (objeto estudado), enquanto que, em âmbito de prática do filosofar a consciência, no conhecer, volta-se sempre em sentido de regresso ao sujeito pensante e com mais aderência, portanto, aos traços ou parâmetros da própria subjetividade<sup>(3)</sup>.

Por conseguinte, a palavra *ciência* define o conhecimento que avalia, em qualquer modo ou medida, sua própria garantia e validade, mesmo que conhecimento sem pretensões de *absoluto*. Ou seja, *os conhecimentos científicos são apenas certos e prováveis*, metodicamente estabelecidos e logicamente dispostos conforme as características dos objetos estudados, donde a multiplicidade de saberes conceituados para certas áreas de conhecimento - a exemplo da área *ciências da saúde*.

Todavia, pode-se dizer que algumas ciências correspondem ao conjunto de conhecimentos organizados em torno de objetos delimitados, obtidos com critérios de rigor e com métodos de precisão, tecnicamente construídos, e enquadrados em um sistema logicamente organizado - a exemplo do sistema das *ciências matemáticas e da natureza*. Mais recentemente entende-se por "ciência", uma construção arquitetônica verificável por métodos construídos pelo espírito humano, de linhas bem definidas, e em que os fenômenos conhecidos se acham, ao menos provisoriamente, sancionados ou aprovados em plano de intersubjetividade - a exemplo das *ciências humanas e sociais*. Seja qual for o caso, *o objetivo de toda ciência é coordenar as nossas experiências e elevá-las a um sistema lógico* [e explicável]<sup>(9)</sup>.

Por tudo isso, na formação da consciência crítica, e em plano de epistemologia contemporânea (historicismo crítico), como no dizer de Bachelard<sup>(10)</sup>, entende-se que:

*O conhecimento é aproximado [da verdade], posto que diferentemente do saber verdadeiro, por ele a consciência [sujeito] aproxima-se do objeto por retificações sucessivas e constantes, revelando as condições segundo as quais o verdadeiro pode ser extraído do falso, numa polêmica constante contra o erro e num questionamento contínuo dos saberes já objetivados ou reconhecidos [ou como consagrados na teoria e na prática científicas].*

E isto é o que mais se costuma observar, no plano da prática acadêmica, ou seja, de uma prática de pedagogia universitária e de investigações científicas, e que seja nomeadamente uma prática apoiada na pesquisa e, por justa causa, uma prática crítica.

## IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO NA PRÁTICA DA ENFERMAGEM E DE SUA PEDAGOGIA

Assim sendo, no plano da prática da enfermagem, a questão do conhecimento tem tudo a ver quanto à educação em geral e à pedagogia profissional consistentes com a transmissão da herança cultural, mormente pela necessidade de coerência com o processo formalizador de aprender competências técnico-

científicas do saber-fazer no âmbito do encontro com os clientes. Mas não só por isso. A grande polêmica gira em torno das metas do conhecer entendido nos parâmetros curriculares em nível de graduação. Não obstante, os atos do conhecimento sejam pretendidos, ou entendidos, como de domínio de *conhecimento geral* ou como de *conhecimento específico*, é essencial que no processo de formação do perfil profissional sejam realçadas as experiências consistentes com a formação do pensamento crítico.

Neste particular, a prática pedagógica interessa à formação da consciência profissional endereçada a uma prática substantiva, “prática viva” concretizada no encontro de enfermeiras(os) com clientes e, também, ao sentido da realidade empírica da arte e das experiências controláveis típicas dos cuidados de enfermagem, em plano de pensamento e de ações nas situações humanas da área assistencial<sup>(11)</sup>.

A diferença do que seja conhecimento “geral” e “específico”, por suposto, vem preocupando os professores de enfermagem faz já algum tempo. A meu ver, tem seu começo com a idéia da necessidade do *especialismo*, ou melhor dizer da especialização, para o desempenho da ação proficiente em unidades de cenários hospitalares, haja vista aos requerimentos protocolares impostos por técnicas de manejo de instrumentos de diagnóstico e de requisitos de máquinas da terapêutica médica, ou de controle assistencial altamente sofisticado. A literatura de enfermagem é profícua, nesse particular. Não convém perder tempo com detalhes.

Todavia, a questão vem se tornando mais crucial nas discussões acadêmicas sobre a formação de profissionais *generalistas* e *habilitados* para uma prática diversificada em unidades setorializadas em âmbitos de ações e cuidados *especializados*. Penso que há uma confusão conceitual e semântica. Antes de uma distinção entre o que seja conhecimento geral e específico, é preciso entender-se que, no caso da Enfermagem, “generalista” é o profissional graduado que tenha incorporado atitude responsável, dever moral e habilidades técnicas da **arte de enfermeira**<sup>(11)</sup> e de prestar **instruções sobre saúde** à clientela: pessoas, famílias e coletividades, ou grupos humanos, quer sadios ou enfermos, encontrados na realidade institucionalizada ou não e em todos os ciclos da vida<sup>(12, 13)</sup>.

Do ponto de vista pessoal, posso dizer que já gastei bastante tempo em debates sobre a formação profissional em nível de graduação. Mas, não custa reiterar (penso eu) que os profissionais graduados “generalistas em enfermagem”, são de todo imprescindíveis em plano de demandas sociais e de necessidades de contribuições (técnico-científicas) imperiosas à saúde no país e no mundo.

Além das competências para atuação em unidades básicas e outras dos cenários da rede de serviços de saúde, institucionalizados ou não, os egressos da graduação em enfermagem precisam estar<sup>(14)</sup>:

- (a) Preparados para os desafios da pesquisa, da assistência de qualidade consistente com os cuidados de enfermagem no âmbito de sua arte;
- (b) Capacitados para imprimir significados às variações de sua própria atuação na prática total da Enfermagem;

- (c) Aptos a prestar cuidados inerentes à ajuda e orientação aos clientes para o alcance de nível ótimo de saúde individual e coletiva;

- (d) Capacitados a contribuir para as mudanças na prática em estreita coerência com os avanços da ciência e com a responsabilidade social, mas sem perder a perspectiva ou ótica profissional de interesse da Enfermagem e em plano de atender à necessidade de uma prática pela pesquisa.

Por outro lado, o profissional “especializado em enfermagem” é o que aprofundou estudos e acumulou experiências em qualquer das várias categorizações distintas das divisões disciplinares da enfermagem. Enquanto que “especialista de enfermagem” é o profissional que atingiu o nível de habilitação compatível com a perícia, a assessoria e a consultoria estimadas em grau mais elevado de reconhecimento, na internalidade da profissão e fora dela.

## A GUIA DE CONCLUSÃO

A conta do exposto, portanto, é preciso convir que o egresso da graduação em enfermagem não é um produto acabado. Ainda assim, de todo modo deve estar preparado para se haver com os desafios do *conhecimento geral* no interesse do desempenho de competências na área da saúde e na prática total da enfermagem - ensino, pesquisa e extensão/assistência, incluídas as responsabilidades quanto aos demais exercentes que atuam no âmbito da profissão.

Neste ponto, convém lembrar que a graduação, na Enfermagem, é entendida como *formação básica ou geral*. Formação essa que toma de partida conhecimentos das ciências básicas e sociais conexas à margem da “Enfermagem - ciência e arte”. É preciso que se reconheça a imperiosa necessidade de *o graduado em enfermagem* ter adquirido conhecimentos para “aprender-a-aprender” em processo contínuo, e para lutar pelos direitos de cidadania dos clientes e por direitos próprios, a exemplo do direito de ser um profissional qualificado e, portanto, de ter reconhecido o direito de poder aprofundar conhecimentos coerentes com a *educação permanente*, para bem se haver com os desafios da pesquisa e prioridades de enfermagem.

E, é preciso que se reconheça, em plano pedagógico, a inegável necessidade de que os graduados da enfermagem estejam capacitados quanto ao domínio dos princípios científicos da arte de enfermagem, bem mais ressaltados conforme a *demonstração pelo exemplo*, e para obedecer diretrizes de proficiência e autonomia em pauta com os conceitos básicos da Enfermagem moderna<sup>(15)</sup>. E é preciso que tenham, por isso mesmo, a consciência profissional plasmada nas regras de demonstração que valem, também, para as ações compatíveis com a ciência e, em especial, com os valores éticos, as atitudes de dignidade humana e com as disposições legais, que servem para balizar o pensamento ousado capaz de ampliar o âmbito da prática profissional<sup>(16)</sup>.

Nas situações da experiência de prática cotidiana, nas quais costuma pesar também, a necessidade de coerência com os conceitos fundamentais da arte de “saber-fazer” em

enfermagem, o conhecimento no interesse particularizado da profissão - cômputo de ciência, arte, valores éticos, e história - compreende tanto os conhecimentos denominados "gerais", como também os denominados "específicos".

Neste sentido, vale dizer que *conhecimentos gerais são os que convêm a todas as categorizações que a enfermagem possa assumir em suas dimensões teórica e prática*, a exemplo do que se possa compreender em disciplinas como Enfermagem em Clínica Médica e Cirúrgica, Enfermagem em Saúde Mental e Coletiva, Enfermagem de Emergência, Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva, Enfermagem Materno-Infantil, Enfermagem Obstétrica, Enfermagem de Reabilitação, Enfermagem de Saúde Pública e outras tantas denominações existentes<sup>(15)</sup>. E contam por seus altos significados, na formação geral de enfermagem, disciplinas de efeito do contexto teórico e prático como Arte de cuidar na Enfermagem, História da Enfermagem, Ética Profissional e outras.

Por outro lado, *conhecimentos específicos são todos os que (via de regra) consistem como fundamentais às ações de enfermagem*, e que conferem com a atuação profissional na variedade de situações da prática assistencial em unidades de saúde dedicadas aos tratamentos ou atendimentos especializados<sup>(16)</sup>.

Mas não faço disto *tabula rasa*, nem tampouco *dogma de autoridade*. Insiro-me em plano de polêmica contra o erro, e se é "o que existe e o que se dá" por conveniente, em nível de prática corrente - pedagógica e assistencial. Na área da Enfermagem, entendida como área de conhecimento e de intercâmbio científico, que eu saiba, não se decidiu quanto a essas distinções conceituais ou definidoras, seja para a compreensão das várias maneiras de cuidar, ou para resumir os conhecimentos adequados, *ipse litteris*, ao conhecimento e à pesquisa, independentemente do que se possa convir quanto às categorizações assumidas para assegurar a atuação dos profissionais de enfermagem, em âmbito de prática substantiva e de assistência adjetivada quanto ao modo mais direto de cuidar dos clientes.

No mais, voltando ao plano do que interessa ao sentido do *conhecimento em si* e às distinções que se fazem necessárias para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da prática assistencial, compreendo que a Enfermagem ainda enfrenta grandes desafios, na prática da arte de cuidar e na pesquisa. Falta talvez, um estatuto de caráter epistemológico condizente com os *quantitativos e qualitativos* da força de trabalho em enfermagem e de nossas buscas de respostas para o conhecimento de enfermagem e, portanto, coerente com os termos da ciência reconhecida.

Para ser bem direta, e em que pese o significado de nossa prática profissional enquanto assegurada por parâmetros legais, penso que ainda carecemos do apoio de conhecimento mais aprofundado e da eficácia de resultados da pesquisa que falem por *evidências*. Os cientistas e pesquisadores que avaliam nossas necessidades de buscas de mais conhecimento e nossos projetos de pesquisa afirmam que, em certa medida, não conseguimos plenamente, a ultrapassagem das *experiências controláveis*. Daí que os resultados da pesquisa, na área da Enfermagem, conferem bem mais com opiniões substanciais que valem e justificam o saber da profissão, mas não alcançam o valor dos enunciados de natureza científica e condizentes o valor das leis científicas.

É bem verdade que temos avançado muito nas últimas três décadas, e a produção científica da Enfermagem brasileira já se torna, a cada dia, mais volumosa de resultados para o conhecimento, e já ousamos avançar em atividades de pesquisa consistente com núcleos e grupos de pesquisadores engajados no cultivo de linhas de pesquisa.

Mas falta ainda, a segurança das fronteiras e dos critérios ou requisitos do campo epistêmico, campo das ciências do conhecimento objetivo ou da objetividade científica. Precisamos "geometrizarmos nossas representações"<sup>(9)</sup>, não apenas de dominar os recursos do pensamento criador de métodos e de hipóteses de trabalho. E precisamos alargar o campo das idéias criativas e das teorias capazes de determinar leis e revolucionar a prática do saber-fazer na enfermagem. Ou, pelo menos, precisamos de mais resultados balizados no *conhecimento confiável*<sup>(17)</sup>. Precisamos de um conhecimento capaz de provocar repercussões no meio científico, ou de causar impacto para mudar a prática assistencial que nos diz respeito, e que seja de todo modo capaz de justificar a responsabilidade social que nos compete no plano da profissão.

Nesse aspecto particular da questão, a pergunta que se apresenta é: - *Será que já estamos prontos e capacitados para a ultrapassagem dos limites do conhecimento geral e específico do estilo próprio da arte da enfermagem?* A prudência do espírito científico é, às vezes, até bem lenta, mas é ajuizada. Talvez que nos recomende a cautela do sábio: *melhor do que correr atropelando regras e requisitos da ciência e da produção científica, é preciso aprender a caminhar, cautelosamente, pelas sendas da busca do próprio conhecimento*<sup>(7)</sup>.

Gostaria de poder dizer mais. No entanto, sei bem que as minhas palavras servem apenas para nortear a atenção requerida para continuar a jornada na busca de experiências mais ricas para o domínio do conhecimento mais aprofundado no interesse de contribuições significativas aos avanços da *Enfermagem - seu saber, sua prática, sua história*.

## Referências

1. Japiassu N, Marcondes D. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro (RJ): J Zahar; 1990.
2. Hessen J. Teoria do conhecimento. Tradução João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo (SP): Martins Fontes; 1999.

3. Vita LW. Que é filosofia. São Paulo (SP): DESA / USP; 1965. (Coleção Burity).
4. Platão. Diálogos I (Menon). São Paulo (SP): Ed Globo/ Ed Ouro; 1966.
5. Parain B, organizador. Historia de la filosofía: la filosofía griega: Eutidemo, Teeteto e outros. México (DF): Siglo XXI Ed; 1997.
6. Descartes R. Obra escolhida. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro; 1962.

7. Bochenski JM. Diretrizes do pensamento filosófico. São Paulo (SP): Herder; 1961. (Coleção Caleidoscópio).
8. Japiassu H. Introdução ao pensamento epistemológico. 2ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Francisco Alves; 1977.
9. Einstein A Como vejo o mundo. Tradução de HP de Andrade. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira; 1981.
10. Bachelard G. A formação do espírito científico. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro (RJ): Contraponto; 1996.
11. Carvalho V. Dimensões do saber-fazer do enfermeiro que fundamentam o conteúdo do currículo de graduação: uma contribuição à identidade profissional. São Paulo (SP): Frôntis Ed; 1996. Trabalho apresentado originalmente no Encontro Nacional de Escolas de Enfermagem-ENESC realizado pelo Departamento de Enfermagem/UNIFESP, com apoio da ABEn - Seção SP.
12. Parsons, EO. A enfermagem moderna no Brasil. [fac-símile]. Esc Anna Nery Rev Enferm 1997 jul; 1(n.º esp lançamento): 10-24.
13. Carvalho V, Castro IB. Reflexões sobre a prática da enfermagem. Anais do 31º Congresso Brasileiro de Enfermagem; 1979 ago 05-11; Fortaleza (CE), Brasil. Fortaleza (CE): ABEn; 1979. p.51- 59.
14. Carvalho V. A enfermagem de saúde pública como prática social. Esc Anna Nery Rev Enferm 1997 jul; 1(n.º esp lançamento): 25-41.
15. Nightingale F. Notas sobre enfermagem: o que é e o que não é. Tradução de Amália Corrêa de Carvalho. Prefácio de Ieda Barreira e Castro. São Paulo (SP): Cortez / ABEn - CEPEn; 1989.
16. Carvalho V. Enfermagem fundamental: predicativos e implicações. Rev Latino-am Enfermagem 2003 set / out; 11(5): 664-71.
17. Ziman J. Conhecimento confiável: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência. Tradução de Tomás R. Bueno. Campinas (SP): Papirus; 1996.

## Notas

---

<sup>a</sup> Conferência proferida no 2.º período letivo de 2004, na modalidade de mesa redonda realizada no âmbito dos Ciclos de Debates do Requisito Curricular Interdepartamental denominado "Temas Emergentes da Prática Profissional", uma parte do Programa Curricular Interdepartamental XIII do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da Escola de Enfermagem Anna Nery / UFRJ.

<sup>b</sup> Este artigo dá continuidade e aprofunda as reflexões iniciadas no artigo: Carvalho V. Linhas de pesquisa e prioridades de enfermagem - proposta de distinção gnoseológica para o agrupamento da produção científica de pós-graduação em enfermagem. Esc Anna Nery Rev Enferm 2002 abr; 6(1):145-54.

## Sobre a Autora

---

### Vilma de Carvalho

Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
Pesquisadora do CNPq.

Recebido em 24/01/2006  
Reapresentado em 15/01/2007  
Aprovado em 20/02/2007